

A COLEÇÃO LALIQUE (MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN, LISBOA) - UMA PERSPECTIVA BOTÂNICA

LUÍS MENDONÇA DE CARVALHO¹; ROSÁRIO AZEVEDO²; ROBERTO LEITE³ & FRANCISCA FERNANDES⁴

¹ Museu Botânico, Instituto Politécnico de Beja, Portugal. E-mail: museu@ipbeja.pt

² Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa. E-mail: mrazevedo@gulbenkian.pt

³ Museu Botânico, Instituto Politécnico de Beja, Portugal. E-mail: robertoduarteite@gmail.com

⁴ IHC- CEHFCi, Universidade Nova de Lisboa / Universidade de Évora, Portugal. E-mail: franc579@yahoo.com

Recebido em 18 de janeiro de 2016. Aceito em 22 de julho de 2016. Publicado em 09 de dezembro de 2016.

RESUMO – Neste artigo apresentamos um enquadramento da obra de Lalique no seu tempo e na coleção Gulbenkian, assim como a metodologia seguida no nosso projecto de investigação. Este projecto tem como desiderato fundamental a génese de um guião guião interdisciplinar, que permitirá reavaliar a coleção Lalique, sob uma perspectiva etnobotânica, criando percursos que liguem a coleção a ciências naturais e humanas, tendo a botânica como eixo estruturante. Este guião destina-se a ser utilizado pelos técnicos dos serviços educativos do Museu Gulbenkian para promover a interdisciplinaridade das suas acções formativas.

PALAVRAS-CHAVE: MUSEU GULBENKIAN, RENÉ LALIQUE, BOTÂNICA, INTERDISCIPLINARIDADE, EXPERIÊNCIAS MUSEOLÓGICAS.

THE LALIQUE COLLECTION (MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN, LISBON) - A BOTANY PERSPECTIVE

ABSTRACT – This article presents a framework of Lalique's work in his time and in the Gulbenkian collection, as well as the methodology followed in our research project. The goal of this project is the creation of an interdisciplinary script, which will allow for the revisiting of the Lalique collection, under an ethnobotanical perspective, creating paths linking the collection to natural and human sciences, having botany as the structural axis. This guide is intended to be used by technicians of educational services of the Gulbenkian Museum to promote the interdisciplinarity of its training activities.

KEY WORDS: GULBENKIAN MUSEUM, RENÉ LALIQUE, BOTANY, INTERDISCIPLINARITY, MUSEOLOGY

LA COLECCIÓN LALIQUE (MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN, LISBOA) - UNA PERSPECTIVA BOTÁNICA

RESUMEN – Este artículo se presenta un marco del trabajo de Lalique en su tiempo y en la colección Gulbenkian, así como la metodología utilizada en nuestro proyecto de investigación. Este proyecto busca la creación de un guión interdisciplinario, que permita volver a visitar la colección Lalique, bajo una perspectiva etnobotánica, creando vías que ligan la colección a las ciencias naturales y humanas, teniendo la botánica como estructura. Este guión está destinado a ser utilizado por los técnicos de los servicios educativos del Museo Gulbenkian, para que se promueva la interdisciplinaria de sus actividades de formación.

PALAVRAS CLAVE: MUSEO GULBENKIAN, RENÉ LALIQUE, BOTÁNICA, INTERDISCIPLINARIDAD, MUSEOLOGÍA

INTRODUÇÃO

O projecto que desenvolvemos no Museu Calouste Gulbenkian, insere-se numa estratégia para apresentar a coleção Gulbenkian sob diferentes perspectivas, nomeadamente, sob um ponto de vista etnobotânico, que permita estudar o uso material e simbólico das plantas que se encontram representadas nesta coleção de arte. Como estudo de caso, seleccionámos a coleção Lalique, devido à presença ubíqua das plantas nas obras de arte criadas pelo joalheiro francês René Lalique.

A etnobotânica é a área da botânica económica que estuda o uso das plantas dentro de um determinado contexto cultural. Tradicionalmente, esse contexto encontrava-se limitado ao uso das plantas por comunidades rurais, contudo existe uma crescente necessidade de investigar o uso das plantas em contexto urbano. Em sentido lato, a etnobotânica é o estudo das relações desenvolvidas entre as plantas e as comunidades humanas, ou seja, de como os humanos incorporam as plantas nas suas práticas culturais (Balick & Cox 1996).

A interdisciplinaridade dos estudos etnobotânicos é vasta e inclui, necessariamente, estudos artísticos, simbologia das plantas e estudos iconográficos. Como consequência desta multiplicidade de aplicações, não existe uma única orientação metodológica que responda às inúmeras questões que os estudos etnobotânicos levantam. O investigador selecciona a metodologia que melhor se adapta aos seus objectivos científicos, de modo a enquadrar a totalidade das situações nas

quais as plantas intervêm, dentro de uma determinada cultura humana (Ford 1978; Davis 1995, Mendonça de Carvalho 2011), a aprofundar metodologias de trabalho com outras ciências (Prance 1991) e a promover a comunicação entre disciplinas, trabalhando fora do sistema restritivo das limitações impostas por uma formação académica altamente especializada (Anderson 1995). O investigador etnobotânico também se encontra numa situação privilegiada para poder actuar como elemento de ligação e de comunicação entre a comunidade científica e o público ávido de conhecimentos científicos. Quando o público partilha as questões e os interesses da comunidade científica, no que concerne à conservação do património natural e/ou cultural, mais facilmente este se financia, estuda e preserva e, também, com maior facilidade se utiliza em acções de cultura científica (Schmidt, 1995).

RENÉ LALIQUE E CALOUSTE GULBENKIAN

René Lalique iniciou a sua carreira artística no final do século XIX, uma época de mudança, transformação e de confronto entre a tradição e a modernidade - a *Belle Époque*. Em 1895, Siegfried Bing, um negociante de arte de origem alemã, inaugurou uma galeria em Paris (*L'Art Nouveau*), que cunhou o novo movimento artístico, e onde foram organizadas exposições, algumas com trabalhos de Lalique, assim como de arte oriental, dada a conhecer através das grandes exposições universais que tiveram lugar em Paris (1900) e que vai influenciar a sua obra. René Lalique tornar-se-ia num dos

artistas mais importantes da joalheria Arte Nova, mercê das suas extraordinárias capacidades de imaginação e criatividade, aliadas a uma notável mestria técnica (Ferreira 1997; Leite 2008).

No início da sua carreira, Lalique seguiu os cânones vigentes da joalheria tradicional, nos quais as pedras preciosas dominavam, em detrimento da concepção artística e estrutura das jóias. À medida que foi testando materiais e fazendo novas experiências, surgiram obras de dimensão escultural, algumas de grande efeito dramático e simbólico - uma combinação de cores, texturas, jogos de luz e transparência, metais e pedras preciosas, materiais orgânicos (marfim, osso, chifre) e matérias industriais (vidro) (Ferreira 1997; Leite 2008).

Calouste Gulbenkian iniciou a sua colecção de obras de arte ainda na adolescência, fazendo aquisições de forma regular até ao fim da vida. A colecção inclui obras da Antiguidade até ao início do século XX - cerca de seis mil e quinhentas peças, que constituem um acervo excepcional pela qualidade artística, diversidade cronológica e geográfica, variedade de estilos, movimentos artísticos e materiais.

A última galeria do Museu Calouste Gulbenkian é dedicada a um só artista: René Lalique, a quem o coleccionador adquiriu, directamente, cento e setenta e cinco peças, das quais se destacam oitenta e duas jóias, de diferentes tipologias (diademas, pulseiras, pendentes, peitorais e gargantilhas), que constituem o maior conjunto no seu género em acervos de museus. Após a sua aquisição, as jóias foram dispostas em vitrines, na casa parisiense de Calouste Gulbenkian, nunca tendo sido usadas, com uma única excepção: o peitoral Libélula, que Gulbenkian emprestou à actriz Sarah Bernhardt.

MATERIAL E MÉTODOS

A colecção Lalique apresenta uma extraordinária matriz etnobotânica, visível na profusa representação de plantas que encontramos em jóias e outros elementos decorativos. Seleccionámos setes peças para apresentar a colecção e as metodologias que estamos a desenvolver.

Figura 1 - Avelãs (*Corylus avellana* L., Betulaceae), diadema, inventário n° 1196.



Figura 2 - Orquídea-sapatinho (*Paphiopedilum* sp., Orchidaceae), diadema, inventário n° 1211.



Figura 3 - Bordo/Plátano-bastardo (*Acer pseudoplatanus* L., Aceraceae), pente, inventário n° 1163.

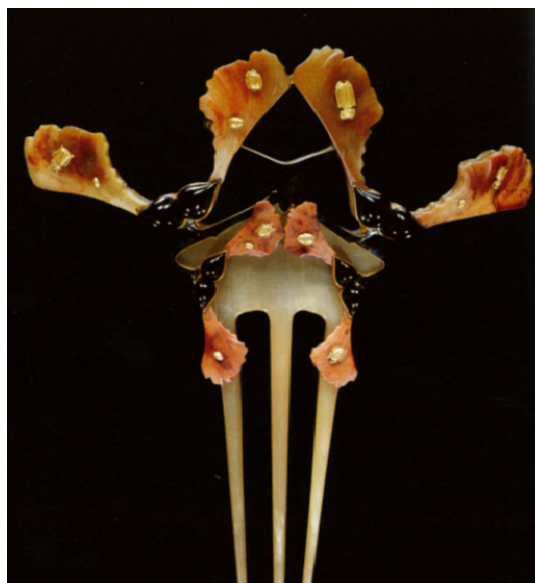


Figura 4 - Pimenteira-bastarda (*Schinus molle* L., Anacardiaceae), travessa, inventário n° 1202.

Figura 5 - Hortênsia (*Hydrangea macrophylla* (Thunb.) Ser., Hydrangeaceae), gancho, inventário n° 1210.





Figura 6 - Glicínia (*Wisteria* sp., Fabaceae), travessa, inventário n.º 1278.



Figura 7 - Anémonas (*Adonis* sp., Ranunculaceae), pente, inventário n.º 1601.



Em algumas jóias foi possível identificar a planta até à espécie, como no caso da avelã ou da pimenteira-

bastarda, contudo, casos há em que tal não é possível (fez-se identificação até ao género) porque existem várias espécies que podem apresentar flores ou frutificações muito semelhantes e a diferenciação taxonómica faz-se através de características diagnosticantes que não se encontram representadas nas jóias, nomeadamente, pormenores da floração ou frutificação. Estes detalhes são pouco relevantes para o joalheiro, embora tenham importância superior para a correcta identificação botânica.

Construímos uma ficha para cada uma das peças, na qual registámos a identificação (etno)botânica e uma multiplicidade de informações científicas, que são utilizadas, pelos formadores do Museu Gulbenkian, na preparação das actividades de cultura científica que decorrem no Museu.

A ficha individual de cada uma das obras de arte inclui, para além de dados históricos relativos à sua génese, forma de aquisição, materiais utilizados e outros, as seguintes informações de matriz botânica/etnobotânica: (1) Nomes vernaculares; (2) Nome científico; (3) Etimologia do nome científico; (4) Centro genético de origem; (5) Principais características morfológicas; (6) Principais características fenológicas; (7) Presença na Flora Portuguesa; (8) Características ecológicas da planta; (9) Tipo fisionómico (Raunkier); (10) Simbologia; (11) Botânica económica, (12) Princípios químicos relevantes; (13) Farmacopeia tradicional; (14) Uso em meio urbano; (15) Particularidades históricas.

A ficha mantém-se em contínua actualização, à medida que se adicionam informações relevantes que permitem uma análise multidisciplinar e cada mais detalhada sobre a peça e sobre as plantas que aí se encontram representadas. As informações constantes nas fichas foram retiradas de obras de referência internacional na área da botânica e da etnobotânica (Mabberley 2008; Cleene & Lejeune 2002; Bruneton 2009) e de estudos etnobotânicos que se desenvolvem em Portugal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fichas destinam-se a ser utilizadas pelos técnicos dos serviços educativos para que possam ter informações de matriz botânica que lhes permitam criar práticas educativas inovadoras que auxiliem os visitantes a ver a arte como um produto de ensaios que tem a natureza como base estruturante, a interpretar a arte como uma outra face das ciências naturais, dentro do mesmo corpus de conhecimento. As ciências naturais e a arte sobrepõem-se naturalmente porque ambas envolvem ideias e hipóteses que são testadas em áreas de trabalho onde a mente e as mãos humanas trabalham em conjunto: laboratórios e estúdios.

Apresenta-se a ficha relativa ao Diadema Avelãs (Inventário 1196), de entre as oitenta e duas que elaboramos, com informações recolhidas sobre esta peça e sobre as plantas do género *Corylus* sp., cujos frutos foram o modelo inspirador da sua criação.

DIADEMA DE AVELÃS

Número de Inventário: 1196.

Materiais chifre, ouro, esmalte, prata, pedras-da-lua.

Tipo de peça diadema (peça única, adquirida ao artista).

Ano de aquisição 1903

Dimensões 110mm x195 mm.

Peso 65 g

Nome(s) vernacular(es) aveleira, avelaneira, avelãs, aveleira-europeia (fruto).

Nome científico *Corylus avellana* L. (Betulaceae)

Etimologia do nome científico *Corylus* (designação clássica latina para a planta, alude ao facto de as brácteas que rodeiam os frutos se assemelharem a elmos); *avellana* (alude à cidade de Avella, na Campânia Italiana).

Centro genético de origem Europa, Cáucaso e Turquia (Ásia Menor); género com 18 espécies (3 na Europa, restantes na Ásia e América-do-Norte, não existe qualquer espécie espontânea no Hemisfério Sul).

Principais características morfológicas frutos (glandes) com brácteas características; planta monóica (dois sexos separados, inflorescências unissexuadas, ambas na mesma planta); cada flor masculina produz entre 10.000 e 20.000 grãos de pólen; decídua; as estruturas que rodeiam os frutos são brácteas (folhas transformadas que rodeiam as flores e os frutos).

Principais características fenológicas floração no Inverno e frutificação no Outono; polinização anemófila (vento); entre a polinização e a fertilização podem decorrer até quatro meses.

Presença na Flora Portuguesa: sim, no centro e norte do país.

Características ecológicas da planta Hemisfério Norte (zonas temperadas), clima frio e seco (vales).

Tipo fisionómico Fanerófito; árvore de pequeno porte (até 10 metros de altura).

Simbologia no Reino Unido, utilizavam-se os ramos em substituição das folhas de palma, durante o Domingo de Ramos; na Irlanda, São Patrício teria afastado as cobras que infestavam a ilha, utilizando ramos de aveleira; em Itália, no dia 12 de Dezembro, na igreja de Santa Luzia, na cidade de Massaquano (Campânia) benzem-se sacos com avelãs e, posteriormente, a partir da torre da igreja, lançam-se as avelãs para os transeuntes (Santa Luzia é a protectora dos olhos - as avelãs, devido à sua forma, são um símbolo dos mesmos); nos Estados Germânicos, a aveleira era um símbolo de paz; a aveleira estava ligada ao

deus Mercúrio; na mitologia celta, as aveleiras estavam ligadas à sabedoria, ao conhecimento (Árvore-do-Conhecimento) e à vitalidade; na Irlanda, especificamente na localidade de Uisneck, existiam nove aveleiras cujos ramos se cruzavam sobre um poço cuja água tinha poderes mágicos, cada vez que cada uma caía no poço, gerava vibrações e bolhas de ar com poderes proféticos, alguém que consumisse essas avelãs ficava com esses poderes ou torna-se poeta; durante a Idade Média, as avelãs tinham uma simbologia cristã que as ligava à Santíssima Trindade (Santo Agostinho); as avelãs estão ligadas à sorte (trazer algumas no bolsa atrai a sorte).

Botânica económica frutos comestíveis; sementes com óleo que pode ser utilizado na alimentação; no passado, este óleo foi utilizado em pintura artística e na manufactura de sabão; a madeira foi utilizada para o carvão-vegetal necessário ao fabrico da pólvora-negra; os caules de aveleira eram usados para flechas; cerca de 75% da produção mundial de avelãs está localizada na Turquia (junto ao Mar Negro).

Princípios químicos filbertona, molécula responsável pelo aroma a avelãs, utilizada em perfumaria e produtos alimentares.

Farmacopeia tradicional folhas para estimular a circulação do sangue e secreção de bilis.

Uso em meio urbano sebes, mas, actualmente, em desuso.

Particularidades históricas os caules de aveleira eram utilizados pelos vedores para procurar água e metais (ouro) no solo (Plínio, o Velho já refere esta prática durante o século I d.C., mas deverá ser mais ancestral); à sombra de aveleiras e ulmeiros, se encontravam os pastores para celebrar as virtudes de Dafne (Eneida, Virgílio); os cajados dos peregrinos que visitavam Santiago de Compostela eram, frequentemente, feitos de madeira de aveleira.

REFERÊNCIAS

- Anderson, Edward. 1995. Ethnobotany and the Liberal Arts. In Ethnobotany Evolution of a Discipline, ed. Richard Evans Schultes e Siri von Reis, 183-186. Portland: Dioscorides Press.
- Balick, Michael, Cox, Paul. 1996. Plants, People and Culture – The Science of Ethnobotany. New York: W. H. Freeman Publishers.
- Bruneton, Jean. 2009 Pharmacognosie. Paris: Lavoisier.
- Cleene, Marcel, Lejeune, Marie. 2002. Compendium of Symbolic and Ritual Plants in Europe, vol. 1 and vol.2. Ghent: Man and Culture Publishers.
- Davis, Edmund. 1995. Ethnobotany: An Old Practice, a New Discipline. In Ethnobotany Evolution of a Discipline, ed. Richard Evans Schultes e Siri von Reis, 40-51. Portland: Dioscorides Press.
- Ferreira, Maria Teresa Gomes. 1997. Laliq. Jóias, Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian.

Ford, Richard. 1978. The Nature and Status of Ethnobotany. *Anthropological Papers* Vol. 67: 33-49. Ann Arbor: Museum of Anthropology, University of Michigan.

Leite, Maria Fernanda Passos. 2008. René Laliq no Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Mabberley, David. 2008. *Mabberley's Plant-Book*. Cambridge: Cambridge University Press.

Mendonça de Carvalho, Luís. 2011. *The Symbolic Uses of*

Plants. In *Ethnobiology*, ed. Anderson, E.; Pearsall, D.; Hunn, E.; Turner, 353-371. New York: Wiley-Blackwell.

Prance, Ghilleen. 1991. What is Ethnobotany Today?. *Journal of Ethnopharmacology* 32: 209-216.

Schmidt, Judith. 1995. A Unique Visual Method of Sharing Ethnobotany with General Audiences. In *Ethnobotany Evolution of a Discipline*, ed. Richard Evans Schultes e Siri von Reis, 187-194. Portland: Dioscorides Press.